



### **Promoção**

Universidade Federal de Santa Catarina  
Instituto de Estudos de Gênero  
Universidade do Estado de Santa Catarina

### **Organização**

Alessandra Soares Brandão  
Cristina Scheibe Wolff  
Jair Zandoná  
Janine Gomes da Silva  
Marlene de Fáveri

### **Revisão de formatação**

Daphine de Oliveira Xavier  
Valéria Machado

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da Universidade Federal de Santa Catarina

S471l Seminário Internacional Fazendo Gênero (12. : 2021 :  
Florianópolis)  
Lugares de fala [recurso eletrônico] : direitos, diversidades,  
afetos : anais eletrônicos / Alessandra Soares Brandão ... [et al.]  
(org.). – Florianópolis : UFSC, 2021.

ISSN 2179-510X

1. Relações de gênero – Congressos. 2. Mulheres –  
Condições sociais. 3. Feminismo. 4. Identidade de gênero. 5.  
Sexualidade. I. Brandão, Alessandra Soares, org. II. Wolff,  
Cristina Scheibe, org. III. Zandoná, Jair, org. IV. Silva, Janine  
Gomes da, org. V. Fáveri, Marlene de, org. VI. Título.

CDU: 396

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673



Secretaria do Fazendo Gênero  
[www.fazendogenero.ufsc.br](http://www.fazendogenero.ufsc.br)  
[secretaria.fazendogenero@gmail.com](mailto:secretaria.fazendogenero@gmail.com)  
+55 48 3721-6411

Universidade Federal de Santa Catarina  
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Instituto de Estudos de Gênero - Bloco F - 7º andar  
Trindade - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil  
CEP 88040-900





## PARA ALÉM DE CÉLULAS, TECIDOS E ÓRGÃOS: INVESTIGANDO NARRATIVAS DE ESTUDANTES SOBRE CORPOS GENERIFICADOS

Tainá dos Reis Garcia<sup>1</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** De um modo geral, o ensino dos corpos nas escolas privilegia apenas o estudo de seus aspectos biológicos, desconsiderando outros aspectos como os socioculturais e afetivos. Este tipo de abordagem reducionista e fragmentada que não vincula corpo, sociedade, ambiente e cultura, não possibilita aos/às estudantes entenderem os corpos como um sistema complexo e que busca articular a materialidade biológica aos aspectos culturais e históricos que produzem os sujeitos. Para problematizar esse modelo de ensino e pensamento que predomina no ensino de biologia, fazem-se necessárias estratégias como a exposição “Uma aventura pelo corpo humano”, que é um projeto de extensão do CEAMECIM da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Assim, temos como propósito investigar neste estudo como meninos e meninas que participam desta exposição entendem a maneira com que essas características biológicas são naturalizadas e vão produzindo os sentidos de feminilidades e de masculinidades, e também se observam determinadas características biológicas que marcam seus corpos, comportamentos e habilidades. As análises realizadas através das narrativas dos/as estudantes apontam um reforço, tanto por parte dos mesmos, quanto por parte de professores/as em entender/ensinar os corpos dentro de uma visão binária de gênero, especialmente quando tratamos de sexualidade, em que em geral, das meninas é cobrado uma maturidade e um recato, enquanto os meninos são estimulados a exercer a mesma.

**Palavras-chave:** Espaços não formais de educação; Ensino de corpos; Corpo Integrado.

### Introdução

Ao questionar o modelo de ensino e pensamentos predominantes no ensino de ciências e biologia à respeito dos corpos - que leva em consideração apenas o estudo de seus aspectos biológicos, desconsiderando aspectos mentais, socioculturais e afetivos-, estamos buscando compreender os corpos como mais do que materialidades biológicas reduzidas a máxima divisão possível, constituídas em sistemas com: órgãos, tecidos, células, organelas, cromossomos, genes, onde apenas suas características anatômicas/fisiológicas são privilegiadas nos conteúdos escolares.

Entendemos que os corpos são, também, produções sócio-culturais – produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades, e portanto, ainda que algumas vezes nesse texto o termo corpo apareça no singular, estamos falando de corpos que são atravessados pela cultura, ciência, mídia, singularidades, ou seja

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, Brasil. E-mail: tainareisg@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Titular do Instituto de Educação e professora dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE, bolsista produtividade 1C do CNPq, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Brasil. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com..



estamos falando de: corpos infantis, jovens, adultos, envelhecidos, brancos, pretos, femininos, masculinos, obesos, anoréxicos, saudáveis, doentes, católicos, muçulmanos, homossexuais, heterossexuais, assexuais, atléticos... enfim, corpos múltiplos, ambíguos, inconstantes e diferentes. (RIBEIRO; LONGARAY, 2013).

Portanto, tais reflexões a respeito dos corpos implicam em “perceber sua(s) provisoriedade(s) e as infinitas possibilidades de modificá-lo(s), aperfeiçoá-lo(s), significá-lo(s) e ressignificá-lo(s)” (FIGUEIRA, 2003, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção desses corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais. Para Deise Longaray (2014, p. 158), “sobre os corpos, são inscritos os marcadores subjetivos, entre eles os de gênero; entretanto, é importante destacar que as marcas que se inscrevem nos corpos são vistas e entendidas de diferentes formas, dependendo do contexto histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos.”

Na lógica da busca por diferentes estratégias de ensino que contemplem diferentes corpos e suas diferentes inscrições, se fazem necessários espaços como a exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” que busca corroborar com a construção de um outro modelo de ensino. Nesta perspectiva, entendemos que o conhecimento se constrói para além do espaço da escola, sendo construído também em outros espaços educativos e portanto, estamos entendendo como espaços educativos todos aqueles locais que ensinam, que possuem uma pedagogia, ou seja, espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados, tais como: universidade, escola, mídias, museus, exposições, entre outras. Esses espaços que nos educam, possibilitando-nos problematizar o quanto torna-se relevante percebermos a potencialidade da difusão de ideias, significados, conhecimentos, valores e representações, no sentido de discuti-las nos tempos e espaços escolares e não escolares (MELO; TOSTA, 2008).

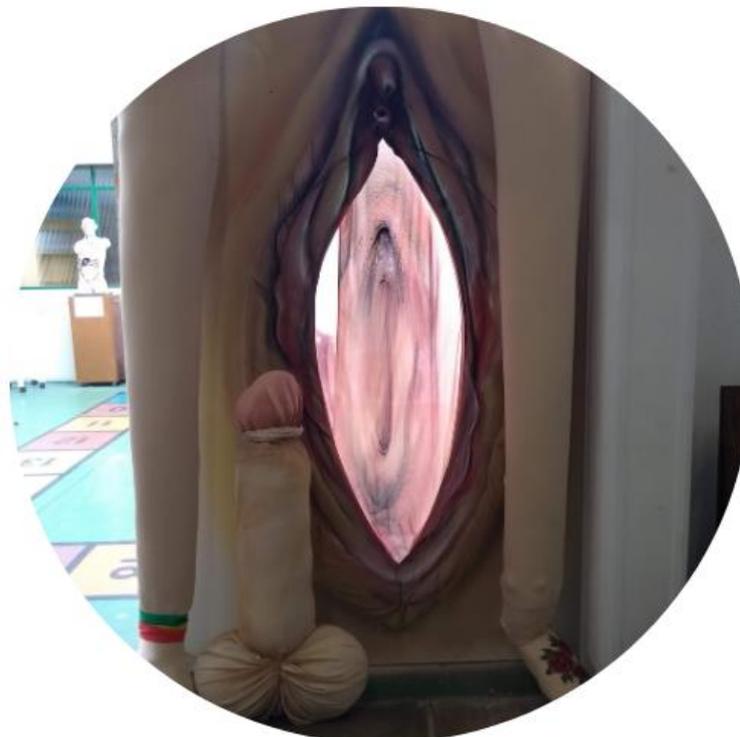
A partir deste entendimento de que outros espaços nos educam e são produtores de conhecimentos e saberes, foi montada a exposição “Uma aventura pelo Corpo Humano” (Figura 1), que consiste em um projeto de extensão do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática (CEAMECIM), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande - FURG. A atividade foi planejada para promover uma aprendizagem significativa acerca dos corpos, tendo como objetivo discutir o ensino do corpo integrado, mostrando as interações entre os órgãos, corpo e ambiente de um modo diferente daquele comumente ensinado no espaço da escola (Figura 2).

Figura 1 - Parte externa da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.



Fonte: Autoria Pessoal das autoras, 2018.

Figura 2 - Parte Externa da Exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano”.



Fonte: Autoria Pessoal das autoras, 2018.



As inquietações que impulsionaram a elaboração deste texto surgiram concomitante às minhas vivências enquanto aluna de Ciências Biológicas, ao ser monitora da exposição “Uma aventura pelo corpo humano”. Essa experiência me levou a refletir a respeito das aprendizagens construídas pelos/as os/as estudantes após a experiência de visitar esse espaço educativo, especialmente como meninos e meninas que participam entendem a maneira com que essas características biológicas são naturalizadas e vão produzindo os sentidos de feminilidades e de masculinidades, e também se observam determinadas características biológicas e inscrições de gênero que marcam seus corpos, comportamentos e habilidades.

### **As inscrições de gênero**

Tendo o corpo como “objeto” de conhecimento, as práticas científicas produzem tanto os saberes - as teorias, os conceitos, a respeito, neste caso, do desenvolvimento humano -, quanto os procedimentos disciplinares que imprimem tais “conteúdos” nos corpos, produzindo-os juntos a um sistema de estratégias que regula o modo de viver das pessoas. Para Nádía Souza “nas salas de aula encontram-se corpos cujas existências e funcionamentos estão em permanente constituição e transformação nas relações estabelecidas com as práticas sociais” (SOUZA, 2013, p. 19), podendo ser essas práticas das mais diversas instâncias, como as da família, as médicas, as das ciências, as religiosas, as produzidas pela mídia, e as inscrições de gênero que acabam por produzir e transformar os corpos a partir de práticas sociais, discursos científicos e marcas dos acontecimentos.

A partir do reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção dos corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais, concordamos com Silvana Goellner (2005), quando diz que o conceito de gênero desestabiliza as considerações envolvidas no determinismo biológico, através do qual os seres humanos “se constroem” feminino ou masculino pelas diferenças corporais e, a partir delas, se definem funções sociais distintas.

Entendemos que os gêneros se constituem através de referenciais do que é ser homem e do que é ser mulher, portanto, são conceitos enviesados por determinadas culturas e sociedades, ou seja, o gênero está para além do determinismo biológico, sendo uma construção social em que se rotulam determinados comportamentos para homens e para mulheres.

Ao reforçar esses determinados comportamentos esperados de meninos e meninas para com os corpos nas escolas, contribui-se com essas estruturas generificadas. A implicação disto é uma diferenciação cada vez maior de meninos e meninas, inclusive na dificuldade de acesso a



determinadas experiências, já que as expectativas das correspondências de comportamentos acarretam restrições em relação aos espaços e atividades.

Não é incomum que durante a visita a exposição “Uma aventura pelo corpo humano” ocorram situações desafiadoras que tensionam gêneros e corpos, já que antes mesmo de começarmos, as/os professores dão orientações: em geral, às meninas é recomendado que se comportem de maneira dócil, obediente e gentil, enquanto que os meninos são orientados a controlar seus “movimentos violentos”, pensamentos e comentários inapropriados. Para Claudia Vianna e Daniel Finco (2009), é fundamental que se supere essas naturalizações dadas a partir das diferenças biológicas, já que ao considerar natural que as meninas sejam mais dóceis e obedientes enquanto os meninos são mais “violentos” somos condescendentes com a construção social das relações de gênero.

## **Metodologia**

Para produção dos dados da pesquisa apresentamos algumas narrativas obtidas através dos diários de campo escritos pelas autoras após cada visita à exposição durante o período de 2 anos, sendo estes de 2017 a 2019.

Compreendemos a narrativa, portanto, como uma prática social que constitui os sujeitos e produz sentidos às experiências, tanto para si, quanto para os outros e para os contextos em que estão inseridos. Para Jorge Larrosa (1996), a narrativa é uma modalidade discursiva, na qual, ao narrarmos nossas histórias e ouvirmos histórias de outros, estamos nos constituindo enquanto sujeitos.

A Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” se (re)constrói a partir da necessidade de quem visita. São recebidos/as estudantes desde a educação infantil até a pós-graduação, mudando a maneira como são abordados os assuntos, mas sempre buscando apresentar o corpo não como apenas um organismo biológico sem contexto, mas o entendendo como biossocial (SOUZA, 2007; RIBEIRO; LONGARAY, 2013), ou seja, além da sua materialidade biológica, sendo produzido e transformado a partir de práticas sociais, discursos científicos e marcas dos acontecimentos.

O espaço dessa exposição consiste em um labirinto que representa o corpo humano com modelos de órgãos, adereços e cartazes com explicações sobre o funcionamento desses.

Para esta atividade, os/as estudantes são convidados/as a imaginarem que são um alimento que ao ser engolido, percorrerá o tubo digestório, interagindo com os órgãos dos demais sistemas do corpo humano. A entrada de todos/as é pela boca, não apenas engolindo e digerindo, mas saboreando, com escolhas, desejos e preferências. Como a estrutura da exposição está dividida em um labirinto, é facilitado o entendimento dos/as estudantes a respeito das relações existentes neste



corpo, como por exemplo, a saliva que surge em nossa boca quando visualizamos um alimento ou sentimos o cheiro do mesmo, o funcionamento do nosso cérebro e das glândulas salivares, assim como a relação existente entre a vontade de urinar, a necessidade de eliminar toxinas através da urina e o nosso cérebro, a relação entre os nossos pulmões e o cigarro, nossa alimentação e o milho nas nossas fezes, os genitais femininos e masculinos e os métodos contraceptivos. O coração fica batendo durante todo o trajeto, e há sempre um cuidado por parte dos/das monitores/as, para que cada novo conceito se conecte aos anteriores, fazendo com que tudo sempre esteja interligado e faça sentido em um contexto biossocial.

A exposição possui tanto um sistema genital com pênis e testículos, quanto um sistema genital com útero, trompas, ovários, canal vaginal, vulva e clitóris. Ao longo do percurso os/as monitores/as buscam através de provocações e questionamentos apresentar um corpo plural, rompendo com a homogeneidade e a linearidade da materialidade biológica, cabendo à quem visita a exposição defini-la. No entanto, não só apenas as/os monitoras/es que fazem provocações, durante uma visita a exposição, uma das monitoras é confrontada por uma estudante: *“A sora(professora) tem namorado?”* Ao responder que tinha sim uma namorada ouve com uma voz de espanto: *“mas como se a sora(professora) é menina?...então tu é machorra?”*. A monitora responde que não é “machorra” e sim lésbica e ao ver uma clara confusão no rosto da estudante torna a explicar que seu gênero e sua sexualidade são coisas distintas e que portanto, ela pode namorar uma mulher e continuar sendo uma.

Ao revisitar os diários de campo, outra narrativa logo é lembrada: Após a visita da exposição, os/as estudantes e as professoras sentam em círculo para lanche, rezam um pai e nosso e, quase que imediatamente ao final da oração, todas as meninas formam duplas e começam a fazer uma guerra de braço. A professora nos olha com um sorriso nervoso e se desculpa, partindo para um sermão alto e claro: *“Parem já, isso não é coisa de menina!”*. A professora justifica sua fala dizendo às estudantes: *“Vocês não acabaram de ver como o nosso corpo é incrível?! As mulheres são capazes de gerar uma vida. isso que é coisa de menina, não guerra de braço.”*

Ao se referir à conversa que temos na exposição sobre concepção e gestação como algo quase que mágico: “gerar uma vida”, essa professora deixa uma marca nessas estudantes, a maternidade é imposta às meninas desde muito cedo, geralmente em casa com bonecas e o ensino de cuidados específicos, mas neste caso também é marcada num espaço de aprendizado, por uma figura também feminina, que é tida com carinho por seus/suas estudantes, figura esta a qual eles/elas confiam e entendem como “detentora de verdades”. Este tipo de comportamento reforça as inscrições de



gêneros nos corpos das/os estudantes, pois controla os corpos e limita as expressões, linguagens e até movimentos. Além disto, a obrigatoriedade de hábitos religiosos como a reza da oração do Pai Nosso, associado às religiões cristãs, em uma escola pública de um país laico além de problemático por violar não só a laicidade do país como a liberdade religiosa individual de cada estudante, também atua nesta rede de discursividade que busca controlar os corpos e as expressões destas e destes estudantes.

A guerra de braços, motivo do sermão da professora, é uma atividade esportiva onde cada desafiante, aplicando força muscular, tenta fazer o adversário desdobrar o braço. Por não utilizar nenhuma genitália para praticá-la e sim os braços, não deveria ser associada a meninos e nem a meninas, no entanto para esta – e tantas outras – professoras, é uma atividade masculina e portanto, uma menina ao praticá-la está fugindo à lógica do que lhe é esperado.

Uma outra narrativa que também emerge é a de um estudante, que após uma conversa sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) levanta a mão e faz uma pergunta: “*Eu queria saber...que me disseram...que quando a gente se toca sai uma coisa branca do nosso pênis... aí eu fiz e é verdade... e eu queria saber o que é*”. Toda a turma cai na gargalhada, a professora sem jeito também não controla o riso. No entanto, quando uma estudante menina grita: “*Isso é gozo*”, a expressão da professora muda. Ela pede silêncio a todos/as, mas repreende especialmente as meninas, que nesse momento já estão constrangidas com os comentários dos colegas meninos.

Após uma conversa com a turma em que buscamos tirar as dúvidas a respeito tanto do orgasmo feminino quanto do masculino, ainda podemos perceber que enquanto os meninos falavam abertamente do assunto, as meninas se retraíram após alguns olhares de desaprovação tanto da professora, quanto de alguns/algumas colegas. A estudante que saudou a resposta do gozo, parou de participar ativamente da conversa e foi ficando de canto, cabisbaixa. Isto nos leva a refletir, que por mais que tenhamos tentado trazer diferentes aspectos para a conversa, muitas dúvidas deixaram de ser sanadas neste dia por uma questão de gênero, afinal, das meninas é esperado recato, principalmente em assuntos que envolvem a sexualidade, enquanto dos meninos é incentivado que estas dúvidas sejam respondidas.

### **Considerações finais**

As análises realizadas através das narrativas dos/as estudantes apontam um reforço, tanto por parte dos mesmos, de quanto por parte de professores/as em entender/ensinar os corpos dentro de uma visão binária de gênero, além de reforçar as inscrições de gêneros nos corpos através de controle



e limites de expressões, linguagens e até movimentos. Em geral, das meninas é cobrado uma maturidade e um recato, enquanto os meninos são estimulados a exercer a sexualidade, especialmente a heteronormativa.

Compreendendo portanto, que ao interrogarmos as formas como os corpos são apresentados aos/nos espaços educativos, criamos condições para que surjam outras maneiras de pensarmos esses corpos, sendo estes tanto corpos femininos quanto masculinos, de forma que estes possam articular e produzir outros entendimentos e conhecimentos, e que sejam capazes de se impor às múltiplas “verdades” que inscrevem e regulam seus corpos e modos de vida.

## Referências

FIGUEIRA, Márcia Luiza. A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 124-148.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Injuí: Unijuí, 2005, p. 207-209.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

LONGARAY, Deise Azevedo. *A (Re)Invenção de si: investigando a constituição de sujeitos/as gays, travestis e transexuais*. 2014. Tese (Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

RIBEIRO, Paula Regina Costa; LONGARAY, Deise Azevedo. *Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

SOUZA, Nádia Geisa S. de. O corpo in *Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

SOUZA, Nádia Geisa S. O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de Ciências. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 17-18.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninos e meninas na educação infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, n. 33, p. 265-283, jul./dez. 2009.



## **BEYOND CELLS, TISSUES, AND ORGANS: investigating students narratives of gendered bodies**

**Abstract:** In general, the teaching of bodies in schools privileges only the study of their biological aspects, disregarding other aspects such as sociocultural and affective. This type of reductionist and fragmented approach that does not link body, society, environment and culture, does not allow students to understand bodies as a complex system that seeks to articulate biological materiality with the cultural and historical aspects that produce the subjects. To problematize this model of teaching and thinking that predominates in the teaching of biology, strategies such as the exhibition "An adventure for the human body", which is an extension project of CEAMECIM of the Universidade Federal do Rio Grande - FURG, are necessary. Thus, we aim to investigate in this study how boys and girls who participate in this exhibition understand the way these biological characteristics are naturalized and produce the senses of femininity and masculinity, and also observe certain biological characteristics that mark their bodies, behaviors and skills. The analyzes performed through the students' narratives point to a reinforcement, both by themselves and by teachers, in understanding / teaching the bodies within a binary view of gender, especially when dealing with sexuality, in general, girls are charged with maturity and modesty, while boys are encouraged to exercise it.

**Keywords:** Non-formal spaces of education; Teaching of bodies; Integrated body